

Uma aproximação do conceito de Vergonha em Heller, Simmel, Scheff e Elias

Processo de Produção de Conhecimento: Debate ou discussão em Teoria Social

GT – 26: Sociologia do Corpo e das Emoções

Coordenadores GT: María Emilia Tijoux - Chile (coordenadora principal), Adrián Scribano, Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Roberto Merino.

Ms. Raoni Borges Barbosa (GREM/PPGA/UFPB)
raoniborgesb@gmail.com

Resumo:

Este artigo pretende uma aproximação sobre os conceitos de Vergonha em Heller, Simmel, Scheff e Elias. Estes autores compreendem a relação indivíduo-sociedade como dialógica e dialética, assim que a sociedade aparece como rede de interdependências tecida pelos indivíduos em jogo comunicacional e objetificando-se em instituições distintas. A cultura emotiva de uma sociabilidade específica demonstra o quanto as emoções são tributárias das relações sociais. O estudo das emoções, e da vergonha como emoção central, permite a compreensão das concepções de pessoa e de moralidade, de estrutura social e de relações de poder de um grupo social concreto.

Palavras-Chave: emoções, vergonha, teoria social

1. Introdução

Este artigo busca compreender os conceitos de Vergonha em autores centrais para a Antropologia das Emoções, tais como Heller, Simmel, Scheff e Elias.

A antropologia das emoções opera com a categoria emoções como conceito fundamental para a apreensão do humano e do social, a partir do qual a problemática metodológica do entendimento da relação entre indivíduo social e sociedade deve ser encarada. Esta proposta teórico-metodológica constitui uma postura centrada na observação da ação social individual, do *self* e das emoções que perfazem a interação entre os atores sociais de uma sociabilidade dada (Koury, 2009).

A Vergonha (Elias, 1993) pode ser compreendida em um contexto de economia das pulsões. Trata-se de como o indivíduo se situa em seu lugar de fala no âmbito de uma hierarquia dada, de uma rede complexa de papéis, funções e deveres sociais, perante os quais este indivíduo relacional age e reage de forma autocontrolada, disciplinada e reflexiva, temendo ultrapassar fronteiras sociais e ser alvo de sanções e controles, bem como reconhecendo estratégias de poder, de controle e unificação de condutas sociais (Scheff, 1990).

2. O conceito de Vergonha em Heller

Heller (2003) aborda o fenômeno Vergonha de uma perspectiva filosófica, de forma meramente conceitual. A autora coloca o conceito de Vergonha a partir de cinco prismas distintos: o antropológico, o sociológico, o ético, o psicológico e o histórico.

De um ponto de vista antropológico, a Vergonha se apresenta como fenômeno universal: uma reação a estímulos socioculturais específicos que toma todo o corpo do indivíduo envergonhado, lançando-o em uma situação de impotência, humilhação e inferioridade. A Vergonha constitui um sentimento elementar e representa um estágio avançado no processo de domesticação do self e de minimização dos instintos. Por outro lado, a Vergonha, por não estar vinculada a detonantes naturais, somente pode ser experimentada e vivenciada por indivíduos socializados, de modo que se trata de um sentimento elementar mediado por uma dimensão cognitiva culturalmente construída em uma sociabilidade específica, o que vem a ser uma emoção.

Ao argumentar sociologicamente, Heller apresenta a Vergonha como uma ferramenta imprescindível à socialização do novo ser humano que é jogado por acidente a um espaço societal para o qual não está preparado. O sentimento de Vergonha comunica as normas, as regras, os limites aceitos pela comunidade e que se atualizam na fofoca e na vigilância que a alteridade significa para o self. A emoção vergonha direciona o indivíduo para uma normalidade emotiva que o identifica e assemelha com os do seu grupo.

Ao tratar da Vergonha de uma perspectiva ética, Heller distingue a autoridade externa, assentada no julgamento moral, da autoridade interna, pautada na consciência. No primeiro caso, a sanção negativa por desatenção da autoridade externa se dá na forma de vergonha, enquanto que, no segundo, na forma de aflição e angústia do consciente. A experiência de dor psíquica caracteriza ambas as formas de sanção. O que as difere é a reflexividade e a autoconsciência na sanção negativa quando da inobservância da autoridade interna, que implica uma cultura da culpa na qual a vergonha já se encontra internalizada em cada indivíduo.

Tal pressupõe, e aqui recuperamos Moore (1987), uma relação indivíduo-sociedade caracterizada por uma diferenciação social mais complexa, de modo que o indivíduo se vê coagido a carregar consigo a possibilidade de julgamento moral da comunidade, mas também se coloca na possibilidade de atualizar ou mesmo transgredir os costumes e tradições que o enquadram como depositário de padrões de conduta e comportamento específicos. Uma cultura da culpa, ou da consciência, significa mais tensão e negociação nas trocas materiais e simbólicas entre os indivíduos em jogo comunicacional, haja vista que a teia de interdependências a influenciar o indivíduo relacional é mais densa.

De uma perspectiva psicológica, Heller enfatiza a dor provocada pelo sentimento de vergonha. A autoridade exterior pode envergonhar o indivíduo por qualquer razão. Neste sentido, Heller apresenta o segredo como estratégia de evitação da vergonha. Tal exige do indivíduo um disciplinamento moral, um controle de seu comportamento e uma administração das próprias emoções bastante custosos, somente possível mediante uma considerável fragmentação psíquica. O 'EU' moderno organiza-se, assim, em amplos espaços internos da consciência, de modo a poder segredar da comunidade à qual ele pertence em um exercício de intensa reflexividade os conteúdos sociais que realmente motivam as suas interações.

Heller discorre sobre a vergonha, por fim, de uma perspectiva histórica, argumentando que as culturas da vergonha são anteriores às da culpa, pois que a autoridade exterior se consolida primeiramente e não se sobrepõe à autoridade interior. Em caso de choque entre moral e consciência, o indivíduo pode vir a ser dilacerado internamente. Este tipo de situação se verifica frequentemente na modernidade em razão da pluralidade de estímulos a que o indivíduo está exposto e deve responder (Simmel, 2005), bem como ao fato de tal sociabilidade se caracterizar pela privatização da subjetividade e pela feitura reflexiva da história: o sujeito moderno se coloca como o responsável pelas suas decisões, apesar do ambiente de risco generalizado no qual estas decisões são produzidas. A emergência da consciência ocorre em um processo lento de construção e aprofundamento de uma sensibilidade interior por séculos a fim.

Em síntese, Heller define a Vergonha como um sentimento elementar, mediado por uma socialização específica e, assim, transformado em emoção. A Vergonha se apresenta universalmente em toda forma de sociabilidade humana e age de forma considerável na socialização humana enquanto signo maior da presença do Outro impondo uma moral e uma normalidade concreta sob pena de dor psíquica ao 'EU' que se amolda a processos de construção identitária.

3. O conceito de Vergonha em Simmel

Simmel refuta uma visão estruturalista da sociedade, entendendo-a como um conjunto de indivíduos ligados por suas interações específicas. Neste sentido, organiza seu modelo de sociedade a partir da dicotomia conteúdos e formas sociais (Simmel, 1998). Os conteúdos sociais são as subjetividades, com suas vidas interiores motivadas, que mediante processos de sociação constroem uma sociabilidade concreta. A sociedade é entendida como uma sociabilidade concreta formada a partir da cristalização de conteúdos sociais em formas sociais mediante as trocas materiais e simbólicas entre subjetividades em jogo comunicacional.

A problemática central em Simmel gravita em torno de como o indivíduo se situa existencialmente na sociabilidade moderna, como ele traduz suas motivações em projetos individuais e coletivos concretos. Neste sentido, trava um diálogo profundo com a sociologia e a filosofia marxiana. Para Simmel, a ideia marxiana de determinação final pelas regras econômicas destrói a liberdade individual. O que se verifica no social é a indeterminação: É nos jogos de poder entre indivíduos que as formas sociais se cristalizam e consolidam projetos individuais e coletivos possíveis. Projetos estes que carregam valores assentados na tradição, no costume ou mesmo nas experiências e vivências de atores sociais específicos e que remetem a preceitos morais, haja vista que a objetificação de trocas materiais e simbólicas pelos indivíduos em jogo comunicacional assume um status de verdade social a ser defendida (KOURY, 2009). Para Simmel, portanto, é na Superestrutura que se apresenta o momento central para a compreensão da sociedade enquanto sociabilidade concreta, sempre conflitual, tensa e ambivalente por definição.

A crescente divisão do trabalho e a economia monetária produziram uma situação ímpar de diferenciação social que permitiu a emergência do indivíduo moderno, que reivindica autonomia frente às forças sociais, à herança histórica, à cultura externa e à técnica de vida (Simmel, 1998). A manifestação cultural deste movimento de libertação se verifica no liberalismo inglês e no romantismo alemão, defendendo o primeiro o individualismo quantitativo (igualdade formal) e o segundo o individualismo qualitativo (singularidade) como valor maior de uma singularidade.

Simmel (2005a) caracteriza a vida na cidade a partir de elementos como intelectualismo, racionalidade quantitativa e calculista, cosmopolitismo, excesso de estímulos nervosos e maior impessoalidade. Aqui emerge claramente o postulado simmeliano quanto à relação entre emoções, sociedade e cultura: a modernidade, com sua lógica quantitativa, reducionista e impessoal, ao situar a subjetividade no espaço privado e limitar o espaço público à racionalidade das trocas mercadológicas, trouxe ao palco da história tipos humanos e emoções novos.

O espaço societal urbano se caracteriza pelo conflito intenso, derivado da necessidade de contínua negociação em torno do princípio da desigualdade (Moore, 1987), uma vez que a ordem social implica um contrato social, ainda que implícito e deficiente por natureza, o qual administra as soluções para os problemas de autoridade, de divisão do trabalho e de distribuição dos bens materiais e simbólicos. O princípio da desigualdade tem na Vergonha um de seus alicerces fundamentais, sobre os quais uma identidade comum opera a ordem social.

A Metrópole provoca no indivíduo uma atitude de reserva, de modo que ele possa lidar com o sem número de estímulos e com a condição de incerteza e estranheza em relação ao outro: sempre encarado como um estrangeiro em uma multidão de anônimos (Simmel, 2005b). A atitude de reserva se

apresenta como resposta à dinâmica interacional da Metrópole como comunidade complexa e paradoxal, na qual o indivíduo se encontra livre de laços tradicionais, mas preso a um vazio existencial insuportável que o impele para um futuro que jamais se alcança, somente compensado pelo acúmulo de bens materiais ou pelo consumismo desenfreado: o cínico, o blasé, o perdulário e o esbanjador são tipos individuais da sociabilidade moderna (Simmel, 2009).

A tragédia da cultura moderna se traduz na reificação do indivíduo, na redução de sua humanidade a um quantum monetário passível de comercialização (SIMMEL, 1998a). Tal não implica a anulação da individualidade do sujeito, mas o fato de este ser situado socialmente como uma ‘coisa’, sendo sua subjetividade somente reconhecida no espaço privado. O esvaziamento do espaço público e do mundo comum (Arendt, 2010), na sociedade individualista capitalista, somado ao discurso de lucro e prazer imediatos como compensador da desigualdade social, atitude típica do homem blasé (Simmel, 1967), fragmentam o espaço societal urbano, gerando um imaginário de medos e violência cujas consequências são a cultura do medo e a fragilização institucional dos espaços de decisão coletiva e de vida comunal (Koury, 2010). Neste sentido Simmel (1998) argumenta que o dinheiro vem a ser o deus da modernidade, uma vez que constitui a abstração social capaz de nivelar e conciliar a totalidade dos fenômenos sociais. Trágico na modernidade é, ainda, a predominância da cultura objetiva, ou seja, das formas sociais, sobre a cultura subjetiva – os conteúdos sociais.

Simmel entende o conflito como inerente ao social, uma vez que os conteúdos sociais somente se cristalizam enquanto formas sociais mediante processos de sociação, o que implica o confronto entre subjetividades. O conflito como relação antitética e convergente leva à unidade, a acordos, a alianças, à formação de um ‘nós relacional’ que difere das identidades individuais e se projeta no futuro. O conflito opera em toda esfera da vida individual e coletiva. A modernidade econômica, enquanto sociabilidade caracterizada por uma intensa e acelerada autofagia e remodelar de si mesmo, com sua lógica de equivalência e redução quantitativa, bem como com seu transformar e desmanchar incessantes do espaço societal consoante uma pluralidade imensa de interesses em jogo, aboliu consideravelmente a singularidade e, assim, as certezas do homem comum.

Conceitos importantes no modelo simmeliano de apreensão do social são o de Segredo, de Gratidão e de Fidelidade (Simmel 2002, 2003, 2010a, 2010b). O Segredo significa o compartilhamento de bens simbólicos específicos que singularizam uma interação, de modo a situar as subjetividades em jogo comunicacional no âmbito de uma identidade coletiva que as afasta, impõe uma fronteira social, dos demais indivíduos. O segredo, assim, indica o quantum de coesão social foi construído em uma sociabilidade dada, ao passo que promove, também, o constante controle social daqueles que partilham o segredo. A Gratidão e a Fidelidade apontam, no mesmo, diapasão, para a preservação de laços entre indivíduos relacionais em interação, com a diferença que a gratidão está vinculada a noção de reciprocidade, enquanto que fidelidade remete à antiguidade dos laços sociais já construídos.

O pensamento simmeliano entende a modernidade como a emergência da consciência individual a um nível bastante elevado. O sujeito moderno é lançado a um social que lhe exige cotidianamente uma socialização complexa e plural, de modo que este deve assumir uma postura reflexiva frente aos estímulos que recebe.

O sentimento de vergonha se encontra internalizado na consciência individual como possibilidade de atualização constante do sentimento de culpa, caso as exigências cotidianas da Metrópole não sejam atendidas, ou caso o indivíduo se frustre em conduzir-se conforme os valores de sua consciência individual. A cisão da vida cotidiana em um espaço privado, irracional e emocional, e um espaço público, pautado na racionalidade contratual das trocas mercadológicas, impõe ao indivíduo relacional uma estrutura mental fragmentada, na qual o sentimento de vergonha se coloca, também, de forma diferenciada. O sentimento de vergonha, no espaço público, aponta para uma vida individual em desconformidade com os imperativos da economia monetária e se apresenta como uma consciência de culpa, enquanto que no espaço privado a vergonha é sentida como o olhar do Outro em interação.

O blasé, o perdulário e o cínico, figuras típicas da modernidade, constituem estruturas mentais adaptadas à pluralidade e mobilidade das formas sociais modernas. O sentimento de vergonha para estas figuras aparece, enquanto consciência culpada, quando da impossibilidade ou da possibilidade reduzida de prazer imediato ou construção identitária no mundo do consumo ou quando da necessidade de envolver-se nas angústias coletivas tomando por partido valores morais específicos. Neste sentido, o como e o por que estas figuras se envergonham denota uma estrutura social específica e uma hierarquia de poder concreta assentada na dinâmica de uma economia monetária em um espaço societal urbano.

Simmel aborda, em suma, o conceito de Vergonha em uma perspectiva histórica, pois busca a compreensão processual da emergência da sensibilidade moderna; em uma perspectiva sociológica, uma vez que apreende a Vergonha enquanto ferramenta de socialização e signo maior de uma ordem moral, e em uma perspectiva psicológica, já que discute a estrutura mental do indivíduo moderno sujeito a tal ordem.

4. O conceito de Vergonha em Scheff

Scheff postula que a estrutura social tem uma microfundamentação. Tal ocorre em razão da própria natureza humana: social e hipercomplexa (Scheff, 1990). Esta postura ontológica quanto ao que vem a ser o humano se assenta em quatro assertivas que dão a tônica da sua análise sociológica e do sentimento de vergonha: a microfundação do social se assenta nos laços sociais, na baixa visibilidade dos sentimentos de orgulho e vergonha, e nos modelos parte-todo e retrospectivo-prospectivo de pensamento, entendimento e organização societal para a solução dos problemas da contingência e da complexidade de sistemas sociais abertos.

Para chegar a este modelo de análise, Scheff apoiou-se nos estudos de Cooley sobre orgulho e vergonha nos laços sociais referentes ao grupo primário do indivíduo (família, vizinhança e escola), nas abordagens de Goffman sobre as questões da deferência e do comportamento, da interação ritual, do embaraço, da face em jogo comunicacional e da administração das impressões, e nos trabalhos de Lewis sobre a vergonha como estado do laço social, de modo a focar fenômenos como disfarce, reação, repressão, engano e autoengano emocional. Scheff foi, ainda, fortemente influenciado pelo conceito de vergonha desenvolvido nas obras de Elias, Sennet e Lynd: autores que abraçaram a proposta metodológica de análise de uma emoção específica, a vergonha, e que, por esta razão seriam os precursores na sociologia das emoções (Scheff, 2001).

A importância do trabalho de Elias, para Scheff, reside na identificação de mudanças no desenvolvimento da personalidade a partir das mudanças ocorridas nas normas sociais e na cultura emotiva, de modo a perceber o quanto a vergonha, como tecnologia social para a demarcação de fronteiras sociais, imposição de estratégias de poder, controle e unificação de condutas sociais, é relevante no processo civilizador que configura a modernidade. Elias expõe, assim, a gradual consolidação no espaço societal de formas de repressão das emoções no espaço público e a consequente privatização da subjetividade. A vergonha passa a ser elemento central da socialização na modernidade.

Sennet, por sua vez, define a vergonha como a situação emocional básica colonizada por uma dinâmica social assentada na lógica racional-instrumental de controle positivo das contingências sociais e da natureza. Neste sentido, a vergonha define situações de poder político e econômico. Sennet falha, assim como Elias, argumenta Scheff, em construir um conceito técnico de vergonha, ao passo que, na esteira de Elias, reconhece o avanço do limiar da vergonha no espaço societal das sociedades modernas ocidentais em paralelo à crescente inconsciência da mesma pelos atores sociais. Lynd, por fim, contribuiu para o aprofundamento da discussão sobre a vergonha trazendo conceitos como o de culpabilidade e identidade. A identidade enquanto conceito integraria os conceitos de EU, ego e papel social. A culpabilidade, emoção individualista, se define em relação à ação social do sujeito, e a

vergonha, por sua vez, aponta a localização do sujeito na rede de interações e símbolos culturais. Lynd, com seu trabalho, sedimentou as bases para a sociologia e psicologia das emoções.

Scheff em seu modelo analítico do social, parte, a princípio, do conceito de laços sociais para designar a sintonia mental e emocional entre indivíduos em interação, o que implica um sistema elaborado de deferência, no qual os laços sociais são testados continuamente e, por extensão, constroem a sociedade. A capacidade do indivíduo de colocar-se em sintonia mental e emocional com o Outro é constituinte da natureza humana, sendo modelada pelas interações sociais: exercícios constantes de negociação, aproximação e evitação da alteridade (Scheff, 1990). O papel da baixa visibilidade do orgulho e da vergonha, como determinantes do comportamento humano, constitui, ao lado do conceito de laços sociais, a segunda assertiva no esquema conceitual de Scheff. Orgulho e vergonha podem ser entendidos como os estímulos e detonantes básicos dos padrões de conduta e comportamento de uma sociabilidade dada, apontando para o consenso ou dissenso, e para a preservação ou dissolução dos laços sociais.

Scheff define a vergonha como uma extensa família de emoções e como elemento regulador de outras emoções, como a ira e a humilhação. A vergonha, compreendida como emoção que perfaz uma família de sentimentos correlatos (embaraço, humilhação, ressentimento), denota o enfraquecimento do laço social, podendo ser reconhecida ou desconhecida pelo indivíduo e pelo grupo. Quando desconhecida, a vergonha pode apresentar-se como não diferenciada (dor emocional falsamente nomeada) ou ignorada (dor disfarçada). A vergonha desconhecida torna-se patológica quando conduz a espirais intra- ou interpessoais duradouros e sem limites naturais. As interações entre os indivíduos relacionais em jogo comunicacional podem enviesar-se em uma espécie de armadilha emocional caracterizada por emoções destrutivas não reconhecidas, inconscientes, vinculadas a um sentimento de vergonha original e que se organiza em espirais de autoperpetuação emocional. Tal armadilha emocional assume uma natureza contagiosa e se move em uma espiral crescente, de modo que Scheff extrapola este modelo para o entendimento, por exemplo, das relações diplomáticas e internacionais em geral.

O modelo parte-todo e o modelo prospectivo-retrospectivo (a terceira e quarta assertivas de Scheff) de pensamento, entendimento e organização societal para a solução dos problemas da contingência e da complexidade de sistemas sociais abertos, aludem à capacidade humana de entender a linguagem natural, com todas as suas ambiguidades e ambivalências, mediante o passeio, emocional e cognitivo, não linear do detalhe mais concreto ao conceito mais abstrato e vice-versa no escopo espaço-temporal e semântico de uma interação dada.

Estes modelos referenciam uma gama de conceitos desenvolvidos por Scheff para a análise de dinâmicas interacionais entre indivíduos relacionais, tais como sintonia, marcadores, abdução, contrafactualidade, implicação, tradução e pacote de mensagens. A sintonia significa o entendimento mútuo entre atores sociais em jogo comunicacional. Os marcadores apontam os indicadores externos de emoções internas individuais, de maneira a permitir a tradução, ou seja, a transformação de expressões de uma língua e contexto para outro, haja vista tratar-se de operação hipercomplexa, pois que exige a compreensão das implicações (o que está implícito na mensagem verbal, mas não foi manifestado verbalmente), bem como do pacote de mensagens (palavras, maneiras, implicações e emoções) como um todo. Tal é possível mediante o método de abdução: alternância instantânea entre imaginação e observação, entre mundo interior e exterior, entre dedução e indução; e da abertura da estrutura cognitiva e emocional humana, sempre passível de dissociação, à contrafactualidade, ou seja, à imaginação sobre o que poderia ter acontecido e ao entendimento hipotético da fundamentação arqueológica de gestos, implicações, emoções, intenções e motivos estruturadores da ação passada.

Scheff afirma ter encontrado uma solução teórico-metodológica para o problema da microfundamentação da ordem social. Neste sentido, define a confiança, atributo básico da microfundamentação do social, como sendo o laço social seguro mediante a construção de uma sintonia

emocional e cognitiva entre indivíduos relacionais e que permite uma história de revelação e conhecimento do outro e de si.

Scheff argumenta que a conformidade e obediência, na modernidade, estão vinculadas ao autoengano: o indivíduo engana a si mesmo, quanto ao significado de sua ação, desenvolvendo uma estrutura estratificada, fragmentada, de consciência, seja porque não percebe o quanto é determinado por estruturas hierarquizantes e reificadoras pautadas na classe, gênero, raça, idade, pertencimento, status, poder e etc., e/ou porque não consegue deslocar-se de sua situação cotidiana e questionar o social a partir de um patamar de individuação.

Scheff entende a colaboração involuntária e inconsciente entre dominados e dominadores no âmbito de ações coletivas a partir da incapacidade do homem comum de refletir sobre a metacomunicação e de desmistificar as formas sociais objetificadas e que passam a dominar a dinâmica interacional dos indivíduos relacionais, bem como do sentimento de vergonha que perpassa a socialização e o cotidiano de cada ator social, impedindo-o de questionar o Status Quo. Tal implica na repressão das emoções e na estruturação de uma espiral de engano e autoengano alicerçada em padrões de comportamento e conduta assentados em estratégias de evitação de embaraço, humilhação e ressentimento. A vergonha, base do poder social, se apresenta nas atitudes inconscientes dos dominadores e dos dominados.

Em suma, temos que Scheff aborda o conceito de Vergonha, dentro do esquema proposto por Heller, de uma perspectiva antropológica, sociológica e psicológica.

5. O conceito de Vergonha em Elias

A obra de Elias pode ser entendida como uma sociologia da civilização, dos afetos, do tempo longo e do espaço de interações (Heinich, 2001). Com efeito, este autor soube desenvolver uma análise bastante rica e profunda sobre os mais diversos temas, valendo-se de abordagens teórico-metodológicas da história, da psicologia, da filosofia e de outras áreas do conhecimento, sempre entrecruzando temas de modo a construir um modelo coeso de compreensão da relação indivíduo-sociedade a partir do estudo do cotidiano do homem comum em sua rede de interdependências.

Em sua sociologia da civilização, indissociável de sua sociologia do tempo longo (para Elias o tempo significa uma síntese social de alto nível que se apresenta como consciência da duração, da mudança e da referência retrospectiva e prospectiva de projetos individuais e coletivos), Elias aborda o desenvolvimento das novas maneiras de gerenciamento das funções corporais pelo indivíduo, modeladas pelo contexto histórico e social da sociabilidade ocidental.

A observação e análise da emergência desta nova sensibilidade mediante o alargamento do patamar da vergonha (repugnância, embaraço, aversão), um processo civilizador de longa duração em que formas sociais específicas (sociogênese) e uma economia psíquica, das paixões e dos afetos (psicogênese) se consolidam, permitem a Elias a formulação da lei fundamental sociogenética, consoante a qual a história de uma sociedade se reflete em uma história interna de cada indivíduo.

Elias descreve como os conceitos de cortesia, civilidade e civilização vão se sucedendo nas sociedades feudal, cavaleirosa e de Corte, na Europa, de maneira a demonstrar como o cotidiano do homem comum está vinculado a padrões de experiência e vivência da vergonha em uma ordem moral que estrutura as emoções individuais conforme a diferenciação das funções sociais em uma sociabilidade dada (Elias, 2011).

Elias argumenta que o processo civilizador ocidental se caracteriza pela monopolização da violência física e fiscal em territórios cada vez mais amplos que, uma vez pacificados e submetidos a centros de poder relativamente estáveis, permitem a consolidação de um habitus pautado na administração e refinamento das emoções como estratégia de hierarquização e diferenciação social. A monopolização da violência física permite que as cadeias de interdependência se tornem mais longas,

complexas e diferenciadas, haja vista que a socialização do indivíduo assume ares mais uniformes e estáveis: o campo de batalha se transfere para o indivíduo, e a violência física é substituída pelas violências econômica e simbólica. A vergonha internalizada, a partir de si, imprime uma dinâmica de autocontrole e autolimitação, consciente e inconsciente, para o indivíduo, cuja estrutura mental sofre um alargamento e uma fragmentação e diferenciação consideráveis, elevando, em contrapartida, o custo e o tempo para uma socialização bem sucedida. A vergonha passa a ser vivida como um conflito dentro da própria personalidade individual, que se debate nos limites impostos pela rede de interdependências na qual se insere (Elias, 1993).

O habitus resulta de uma dinâmica configuracional de interdependência e equilíbrio de tensões entre estabelecidos e marginais, de modo que barreiras emocionais e de fronteiras de sensibilidade e reserva se organizam no espaço societal e na estrutura mental dos indivíduos relacionais (Elias, 1977). A discrição, resultante da privatização da subjetividade, para Simmel, torna-se a tônica da sociabilidade ocidental: orgulho e vergonha, como afirma Scheff, têm baixíssima visibilidade, apesar de serem as emoções fundamentais na microfundamentação do social. A partir do conceito de habitus a dicotomização entre indivíduo e sociedade é superada mediante a demonstração de que as emoções individuais derivam de processos coletivos de incorporação de formas de ser e estar no mundo a partir de processos tensos de negociação e disputa entre estabelecidos e marginais.

Os estabelecidos se caracterizam pelo monopólio das fontes de poder e por um carisma coletivo ou ideal de ‘Nós’, pela observância de normas coletivas e, por conseguinte, pela exclusão emocional dos marginais. Os estabelecidos irradiam para os marginais todo um padrão de comportamento e conduta, um conjunto de valores, frente aos quais os marginais se vêm em situação de anomia e fracasso individual, como sujeitos invisibilizados. A fofoca e o compartilhamento de bens simbólicos segredados pelos estabelecidos lhes permitem a administração de uma dinâmica de estigmatização dos marginais (Elias, 2000). A vergonha aparece como base do poder social e elemento central de uma ordem moral.

Em sua sociologia dos afetos, Elias entende uma sociabilidade específica como uma síntese de quatro funções elementares e interligadas: a econômica, a de controle da violência física, a de obtenção do saber e a de aquisição de autocontrole (Heinich, 2001). O indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de contexto histórico, configuração exterior e interioridade. A sua forma de autocontrole está associada à forma social de controle da violência física e de divisão do trabalho e distribuição de bens materiais e simbólicos, que exigem dele uma obtenção de saberes específicos. Aqui aparece a sociologia do espaço de interações de Elias, segundo a qual o espaço é sempre relacional e o indivíduo somente existe em uma rede de interdependências, em uma configuração (sistema de interações), sempre tensa e conflitual, onde se realiza sua identidade social, de natureza coletiva, e se organiza sua vida emocional.

Em síntese, Elias argumenta o processo civilizador, assentado em uma sensibilidade caracterizada pela internalização da vergonha, de modo a permitir um progressivo controle dos impulsos, conduziu à racionalização da economia psíquica mediante a diferenciação interna da vida interior do indivíduo.

6. Conclusão

Este artigo buscou uma aproximação dos conceitos de vergonha em Heller, Simmel, Scheff e Elias. A reflexão sobre a vergonha aparece vinculada às reflexões sobre a gênese e funcionamento de uma sociabilidade dada. A relação indivíduo-sociedade perpassa a obra destes autores, que verificam no fenômeno da vergonha o elemento e a emoção central da ordem moral e da sociabilidade moderna, sempre tensa, conflitual e em movimento indeterminado, pautada na privatização da subjetividade e na preponderância da cultura objetiva sobre a subjetiva, no dizer de Simmel; em uma microfundamentação

do social regulada pela vergonha e orgulho, bem como pelo engano e autoengano, no entender de Scheff; e em um habitus embasado na racionalização da economia psíquica em conformidade com uma diferenciação e complexificação social, para Elias, o que vem a ser um alargamento e aprofundamento do patamar da vergonha na sensibilidade do sujeito moderno, sempre fragmentado internamente e reprimido emocionalmente.

A ideia de Heller de tratar a vergonha como emoção específica a partir de uma perspectiva antropológica, sociológica, ética, psicológica e histórica foi assumida como uma possibilidade de organizar o pensamento de Simmel, Scheff e Elias quanto à expansividade dos mesmos segundo estes critérios conceituais.

A obra de Elias se apresenta como a mais completa de todas, apresentando mesmo uma arqueologia da etnopsicologia moderna, enquanto que a de Scheff aborda a vergonha da forma mais específica e técnica, propondo uma definição da vergonha como base do poder social e como família de sentimentos correlatos. Simmel, por sua vez, oferece uma análise da emergência da sensibilidade moderna a partir da verificação de como barreiras emocionais e fronteiras de reservas se organizam na forma de alicerces da ordem social moderna. Tal não é diverso de pensar a vergonha.

7. Referências

ARENDT, H. (2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

ELIAS, Norbert. (1977) *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 33-115.

ELIAS, Norbert. (1993) *O processo civilizador*, v. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 191-274.

ELIAS, Norbert. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

ELIAS, Norbert. (2011) *O processo civilizador*, v. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 63-193.

HEINICH, Nathalie (2001). *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC.

HELLER, Agnes. (2003) *Five approaches to the phenomenon of shame*. Social Research., vol. 70, n.4.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2009) *Emoções, Sociedade e Cultura*. Curitiba: Ed. CRV.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2010). *Estilos de vida e individualidade*. Horizontes Antropológicos, vol.16, n.33, 41-53.

MOORE J. R., Barrington. *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHEFF, Thomas J. (1990) *Microsociology: discourse, emotion and social structure*. Chicago: University of Chicago Press.

SCHEFF, Thomas J. (2001) *Três pioneiros na sociologia das emoções*. Política e Trabalho, n. 17, 115-127.

SIMMEL, Georg. (1967) *A metrópole e a vida mental*. In: Otávio G. Velho (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4ª ed.

SIMMEL, Georg. (1998) *Parte I – sobre a sociedade e a cultura*. In: Jessé Souza e Berthold Oélze (Orgs). Simmel e a modernidade, Brasília, EdUNB, 21-117.

SIMMEL, Georg. (2002) [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *A Carta: Por uma sociologia do segredo*. RBSE, v. 1, n. 3.

SIMMEL, Georg. (2003) [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica*. RBSE, v. 2, n. 6.

SIMMEL, Georg. (2005a) [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *O Estrangeiro*. RBSE, v. 4, n. 12.

SIMMEL, Georg. (2005b) *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana 11(2): 577-591.

SIMMEL, Georg. (2009) [Tradução de Simone Maldonado]. *O Avarento e o Esbanjador*. Revista Política e Trabalho, n. 27/30, 334-346.

SIMMEL, Georg. (2010a) [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *Gratidão: Um experimento sociológico*. RBSE, v.9, n. 26.

SIMMEL, Georg. (2010b). [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. *Um passeio sobre a questão da fronteira social*. RBSE, v. 9, n. 25, 370-379.